

J. Cap. Lauras Bostaux

O Independente

Hebdomadario

ANNO I

Florianopolis Sexta-feira 7 de Setembro de 1917

NUM. 3



Homenagem

d'
O Independente
a nossa grande
PATRIA
O BRAZIL

Officinas graphicas d' A PHENIX

EXPEDIENTE

Publicação semanal.
Número avulso 100
Assinatura trimestral 1.500

Só aceitamos os artigos que, além do pseudônimo tragam a assignatura do autor.

As assignaturas serão cobrada adiantadamente.

O INDEPENDENTE pode ser encontrada na agência de jornais e Rua da República n.º 5.

Serão considerados assignantes todas as pessoas que não devolverem nosso jornal no prazo de 4 dias.

Sete de Setembro

Depois de ter sido, por 18 annos, a verdadeira metropole, desde que acolhera a familia real portugueza acossada de Lisboa pela aguia napoleonica, bem natural era que não mais se sujeitasse o Brazil ao papel secundario a que o arrastavam os acontecimentos que então se desenvolviam em Portugal.

O grande Oriente Maçonico do Brazil, José Bonitacio á frente, completara a ingente obra da propagação da Independencia.

A 7 de Setembro de 1822, primeiro que os demais pontos do nosso Vasto territorio, ouvia S. Paulo o grito que, nas margens do Ypiranga, soltara D. Pedro, então príncipe-regente, certamente não esquecido do conselho paterno attinente á garantia da Corôa.

Mais forte do que os elementos anarchicos que se alastravam, surgiu, dominando-os, a aspiração a independencia do paiz.

Essa força, «que nullificava as perniciosas tendencias da sociedade,» si nascera do entusiasmo, solidificava-se, na phrase de um historiadador patrio, com os eventos espantosos occorridos inopinadamente, e com as constantes loucuras commettidas pelo governo de Lisboa.

No mez seguinte ao da independencia festejava, na então villa do Desterro, a Junta do Governo Provisorio, em acto solenissimo, tão auspicioso acontecimento, aclamando D. Pedro I imperador constitucional e defensor perpetuo do Brazil.

No meio do maior jubilo popular, secundavam aos da capital os vereadores das camaras da Laguna e S. Francisco.

Pouco depois seguiram para a Côrte deputações d'essas municipalidades com o fim de apresentarem pessoalmente as homenagens do povo

catharinense por motivo da celebração da nossa independencia politica.

Como nas demais provincias, Santa Catharina demonstrára desde logo a sua leal adhesão ao acto nobilissimo do principu-regente quando, ao grito de —Independencia ou Morte! — desligará o Brazil da antiga metropole.

* * *

A Patria liberta

Foi nas margens do Ypiranga no Estado de S. Paulo, no dia 7 de Setembro de 1822 que o Imperador D. Pedro I, fez ouvir o brado de *Independencia ou morte*.

E' poca memoravel data gloriosa que todo o Brasileiro deve lembrar com o coração cheio de jubilo e orgulho, data aurea que marca para o Brasileiro a liberdade da sua cara e estremecida Patria.

67 annos eram passados o thrôno rura com a proclamação da Republica em 15 de Novembro de 1889 e o Brazil, com novos horizontes abertos ao progressos deveria tornar-se em breve uma Nação poderosa e respeitada.

Assim porem não aconteceu, os pequenos feudos appareceram e os olygarchas nos Estados — *Principes da Republica* — se apoderaram do mando na *democratica* instituição, e, autonomos, trataram de se apoderarem, em familia, de todos os logares de destaque, collocando na administração publica os *filhotes* recrutados entre os filhos, irmãos, tios, sobrinhos e *attachés*, para garantirem a perpetuidade do mundo.

O nosso Estado não escapou a sanha féroz dos empolgadores dos direitos do povo, e, tambem aqui, como em toda a Republica, os *senhores de baração e cutello* fazem o que muito bem lhes apráz.

Hoje 95 annos são passados após a proclamação da nossa Independencia e a braços com uma crise apavorante a Nação se estertora numa agonia lenta, cabendo a responsabilidade do que ora nos acontece a desidia dos nossos governantes.

A velha Europa está a braços com uma sangrenta e aterradora guerra que tem repercutido em toda a Terra, guerra esta em que os bil-

ligerantes teem procurado tirar o maior partido possivel para o enfraquecimento de todas as Nações, assim è, que o Imperio Germanico continuando o seu trabalho de sapa, procura ativar-nos á ella, não em guerra platônica como a que temos agora com a Allemanha, porém em guerra de acção — jogando-nos a Argentina por cima.

Jusiticamente e intrincheirados na esdionagem e perfidia acharam um visionario mentecapto — Um Pedro de Cordoba — que ridiculo e imbecil, teve a velleidade de escrever o celeberrimo livro «*La mestra guerra*.» Bem se vê que è um livro de doido mas è um livro que nos insulta e que nos avilita — è um livro que nos ameaça e que nos obriga a tomar as necessarias precauções afim de neutralizar o effeito das intrigas dos que, interessados, serão bem capazes de nos obrigar á um desforço pelas armas.

Não receamos as fanfarronices do mentecapto articulista argentino, atravez da sua fanfarronice de arlequin de feira, elevando pesos de *papelão* de milhares de toneladas, porque em contraposição ao que dizemos relativamente ao descuido dos nossos governantes a nossa mocidade principia a sentir a necessidade que a Patria tem do seu auxilio e frementes de patriotismo accorrem as filleiras para, um dia, quando preciso fôr, fazerem valer o seu direito, mostrando ao mundo a grandeza da nossa Patria I.

Club Doze de Agosto

Do sr. 2.º Secretario deste elegante Club Recreativo recebemos uma circular em a qual nós foi participada a posse da Directoria que tem de dirigir os destinos do mesmo club, de 1917 a 1918, a qual está assim constituída: Presidente: — Lauro Linhares; Vice-presidente: — Paulo Souza; 1.º Secretario: — Colombo Sabino; 2.º Secretario: — Octavio Cardoso da Costa; Thesoureiro: José Glavam; Adjunto: Roberto Wendhausen; Procurador: Alvaro Schmidt Caldeira; Orador: dr. Nereu Ramos.

Agradecendo a honra que nos deu, deixamos nestas columnas o nosso fervoroso voto de felicidades ao sympathico "Club 12 de Agosto."

Às armas! Engano ou descuido? Pela Patria e pela Instrução

A nossa amada Patria atravessa neste momento uma época de perigo. Sómente á custa de muita vigilância, á custa de muito cuidado ella poderá fugir á traição barbara dos seus inimigos.

Si dum lado, a Allemanha, ambiciosa e sanguinaria, procura arrancar a Paz de muitos annos, doutro a visinha republica Argentina calumniosamente ameaça agredil-a, apontando-a traçoira e mercenaria, apontando-a infame, injuriando-a.

A Argentina, que até agora parecia manter os mais nobres sentimentos de amizade para com o Brazil, mostra hoje que toda aquella amizade nada mais era que uma capa de hypocrisia, com que pretendia occultar o seu orgulho, o seu odio, a sua ambição em face da nossa Patria,

Isso bem o prova um interessante opusculo, obra dum tal Pedro de Cordoba, que felizmente nos chegou ás mãos.

No alludido opusculo o illustre autor argentino revela a visão que teve da nossa guerra com a Argentina, guerra proxima e inevitavel — como elle a qualifica.

Que todos os brasileiros deixem o somno para mais tarde quando a ambição deixar o seu dominio sobre a Terra e se acatelem, afim de não receberem de chofre a aggressão dos falsos amigos e que cada brasileiro, segundo o que esperava o Almirante Barroso, saiba cumprir o seu dever.

A's armas! A's armas, promptos á defeza!

Naufragio

Acham-se entre nós, salvos, os tripolantes do vapor de cargas "Malvina", que, segundo dizem os mesmos, naufragou a 80 milhas ao Norte da ilha dos Avoredo no nosso Estado.

Tivemos occasião de interrogar os 1.º e 2.º pilotos, que disseram serem os seus companheiros de diversas nacionalidades.

O nosso mais velho collega, ou melhor e mais respeitavelmente — o nosso querido «vovô», — noticiando o embarque da briosa Companhia do Tiro 40, enganou-se ou descuidou-se na occasião em que tomou nota das respectivas horas em que se realisaram as diversas cerimonias do referido acto.

No nosso modo de encarar esse facto aliás lamentavel, achamos que o relógio do *reporter* deve ser o unico culpado no erro.

Ha quem diga no entanto que a culpa foi do *reporter* que deixando o leito um pouco tarde, não poudo comparecer ao acto. Outros ha, ainda, que dizem que o caso foi outro: o *reporter* foi ouvir a banda da Força Publica, peio que foi impedido de assistir ao embarque do 40.

Entretanto não queremos ouvir desculpas; achamos que o velho orgão deve ter mais cuidado quando quizer noticiar qualquer acontecimento ou qualquer novidade.

Conferencia Civica

Os nossos patriotas irão hoje ouvir no "Alvaro de Carvalho a palavra vibrante do sr. dr. Ulyses Costa que, encarregado pela "Liga de Defeza Nacional," fallará sobre assumptos que devem interessar a todos aquelles que sentem nas veias o sangue brasileiro.

Assim, o notabilissimo homem de letras demonstrará que é brasileiro digno de estima e amor, porque sabe trabalhar em prol da grandeza do nosso Brazil.

Como nos receberam

«A Comarca,» apreciado hebdomadario que se publica na Palhoça, assim se referiu ao nosso reaparecimento:

«O INDEPENDENTE — Reappareceu em Florianopolis o bem feito collega que nos deu a honra de sua apreciada visita. Gratos.»

Ao nosso estimado companheiro de lucta apresentamos os nossos sinceros agradecimentos, pelas palavras honrosas com que nos distinguui.

Conferencia feita no Theatro municipal de Lages pelo nosso conterraneo Luiz de Arruda Carvalho.

Exmas Sras. Gentis Senhorinhas, Meus Snrs.

Não é decorrido longo tempo triste e dolorosa era a situação, que se nos apresentava: campeava infrene a politicagem de campanario, os partidos ou syndicatos para a exploração de interesses individuaes, com esse rotulo se degladiavam em luctas estereis; os quartéis regorgitavam de párias da sociedade, de vencidos da vida que os procuravam como derradeiro recurso; a mocidade abroquelada pela descrença, minada pelo desanimo não tinha siquer um ideal que fosse o fanal de seus passos, a sua unica e exclusiva preocupação consistia em gozar a existencia, porém o corypheu dos nossos poetas — Olavo Bilac — com a sua fulgurante phantasia e a sua magica palavra despertou as energias civicas, insuflou as labaredas do entusiasmo que jaziam adormecidas e uma grande revolução se operou na alma da juventude, tanto assim que as linhas de Tiro resurgem de todos os recantos de nosso idolatrado Brazil e o sorteio militar — essa lei de tão beneficos resultados é uma realidade. Meus jovens coestadanos, alistae-vos na linha de Tiro em organização ou si já pertencerdes a ella devotevos com ardor ao manejo das armas, porque a instrução militar enrobustece o caracter, viriliza o corpo, apaga as vãs distincções sociaes, irmana todos os cidadãos no mesmo credo, nivellando-os no altar sacrosanto da Patria em o qual devemos lhe prestar culto e lhe dar, si necessario fôr, o nosso sangue, em holocausto e esquecer todas as discordias, competições pessoaes, pois a sua imagem deve pairar sobranceira a tudo, sacrificando por ella os mais puros e ardentes affectos.

Si fordes sorteados, recebei com prazr esse onus sagrado a que nenhum patriota pode se esquivar, porque ser soldado hoje em dia não constitue mais uma profissão, porém um dever civico.

(Continua)

Um valioso presente

D. ANICETO, que era homem de poucas fallas, arbrui um almanack, procurou um nome na lista dos contos, marcou um delles e chamou a mulher para lè-lo.

— 29 de Junho; sae o sol ás quatro e trinta, leu a senhora.

D. Aniceto fez um signal negativo; não era aquillo.

— Fortes calores... continuou a senhora.

— Ainda não è isso.

— S. Pedro e S. Paulo...

— Graças a Deus! exclamou D. Aniceto fechando o calendario.

Depois de um bom espaço de tempo animou-se a mulhe a dizer:

— Pois, filho, dá a Deus as graças que te aprou er... fica certo, porém, de que estou em jejum sobre o que me quizeste indicar.

D. Aniceto fitou sua esposa com os olhos desmedidamente abertos, balançando a cabeça como que assombrado com tamanha falta de atilamento.

— Será possível que ella não se recorde de que 29 de Junho é a data natalicia do Sr. D. Pedro Olivares de Paracuellos, a quem devemos a recente collocação do Aatonico? É lastimavel que minna mulher não comp ehenda que é preciso obsequiar a esse illustre cavalheiro com um presente digno delle, equivalente á fineza que recebemos.

Que importa que não estejamos preparados para fazer face a esta despeza extraordinaria e tenhamos de recorrer a um maldito agiota, afim de emprestar nos a quantia de que necessitamos?

Tudo isto pensava D. Aniceto, mas sem dizer palavra, aferrado á idea de que sua esposa era obrigada a ler no recesso de seu pensamento tão bem como ha pouco lera no almanack.

A senhora acostumada a 25 annos que eram casados áquellas excentricidades do marido, não se recordando nem de leve que o protector de seu filho se chamava Pedro, e sem tentar adivinhar o pensamento do marido, esperou pacientemente que D. Aniceto se explicasse. Este calou-se e só no dia seguinte resolveu fazer-se de boa pessoa, divulgando seu pensamento em um

impeto de verbosidade que o accommetteu após o almoço.

Ficaram então de accordo que era preciso offercer um bom presente a D. Pedro, o qual residia na Estação de Saragoça.

Qual havia de ser o presente?

Era esta a parte do problema mais difficil de resolver.

Não era decente offercer um mimo sem valor áquelle illustre cavalheiro, tanto mais que em suas mãos estava talvez o futuro do unico filho que tinham.

Pois bem, o mutismo chronico de D. Aniceto e o cerebro pouco fertil em empreendimentos de sua esposa, nada perito na escolha de presentes de valor, produziram naturalme a paralyzação do assumpto, ao passo que se ia approximando o dia de São Pedro.

D. Aniceto tinha conseguido arranjar, sabe Deus com que difficuldade, um emprestimo de duzentas pesetas, a um juro fabuloso, que iria onerar muito o orçamento domestico.

De posse do dinheiro começaram os dous esposos a evolver todo Madrid em procura do presente que devia ser enviado para Saragoça.

Na vespera de S. Pedro, finalmente, entrou em casa contentissimo D. Aniceto, acompanhado por um carregador que trazia uma grande caixa e papelão.

Já temos presente, mulher, exclamou elle muito satisfeito, emquanto gratificava o portador.

— O que é, o que è? perguntou anciosamente a senhora.

— Ah! Se não fôra eu, se eu não tivessé cogitado por nós ambos! murmurou D. Aniceto; e sem responder a pergunta da esposa, sem dar mais explicações, replicou em seguida:

— Tenho que sahir já. Como vêes, está aberta... Tu que és manhosa (á falta de outras qualidades) fecha hermeticamente, envolve-a em papel amarra-a e acondiciona-a com cuidado, pondo na tampa o endereço: D. Pedro Olivares, Saragoça, e leva-a tu mesma com a criada até a estação, para despachal-a no trem que parte d'aqui a pouco.

Olha, que temos tempo de sobra para fazel-a seguir hoje.

Não te queixarás, supponho, de que eu não tenha dado à lingua como um papagaio para satisfazer a tua feminina curiosidade.

D. Aniceto, depois desta tirada, sahiu.

(Continua)

Cronica de Arte

Trajano Margarida, o já muito conhecido poeta, publicou uma descripção, em versos bem inspirados, do embarque dos briosos jovens que compõem entusiasticamente a patriótica Companhia de Guerra do Tiro 40.

Esses versos, com que nos mimoseou o joven poeta amigo, não deixam de merecer o nosso applauso e a nossa admiração.

E si a nós nos agrada, a outros por certo não deverá agradar... Puderá... é obra do Trajano Margarida...

Anniversario

Completoou hontem mais um anno de risonha existencia, entre o carinho dos seus estremosos paes, o innocente pequerrucho Armindo da Costa Mello.

Apresentamos-lhe as nossas felicitações.

Emfim!

A 4 do corrente foi entregue ao nosso Estado a parte que lhe coube do territorio contestado, conforme os direitos que nos foram dados no accordo de 28 de Setembro do anno p. passado.

Emfim!

Emtanto, si bem que o accordo tenha sido uma acção nobre, não deixamos de sentir um quer que seja de desalento ao recordar-mos a firme sentença do Supremo Tribunal Federal. Esqueçamol-a, esqueçamol-a.

Officinas graphicas d' A PHENIX

Rua Saldanha Maranhão n. 22

Florianopolis